

A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM

THE MAN'S STETIC EDUCATION

Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará

SCHILLER, Friedrich. A Educação Estética do Homem. São Paulo: Ed. luminuras, 1995.

Os estudos de Schiller sobre “A Educação Estética do Homem”, realizados no século XVIII, recebem uma grande influência da filosofia kantiana, em relação à importância do jogo funcional, da sensibilidade, com o entendimento do juízo do gosto. A partir desse período, o jogo ganha uma nova dimensão em relação a seu estudo, e começa a merecer maior atenção na contemporaneidade, passando a ser estudado não apenas pela filosofia, mas também pela antropologia, nos dando uma visão da dimensão da ludicidade como uma manifestação de humanidade, que por sua vez está relacionada com a liberdade do homem.

Este autor acreditava que pelo belo, pelo estético se chegaria à liberdade, a arte não significava apenas um meio do homem se expressar, mas através dela encontraria o caminho de sua realização enquanto ser humano. Para ele haveria duas tendências opostas no homem, a sensível e a racional, as quais atuariam na vida real sob a forma de impulsos. Estes tornam-se duas forças opostas que conduzem ao caminho da realização de seus objetivos, constituindo-se nos impulsos sensível e formal. O impulso sensível parte da existência absoluta do homem ou de sua natureza sensível. É no impulso sensível, que surge e se prende a humanidade do homem. O impulso formal, parte da existência absoluta do homem ou de sua natureza racional. Este tipo de impulso requer verdade e justiça, ao mesmo tempo em que fornece leis relativas a conhecimentos e ações.

O impulso sensível exige modificação, e o formal exige a imutabilidade e a unidade.

O problema da unidade para Schiller deve ser resolvido pelo equilíbrio, o qual só pode ser alcançado pela reciprocidade dos dois impulsos. Essas tendências, próprias dos dois impulsos podem ser consideradas como forças dinâmicas, cujo objetivo é conduzir o ser humano à realização. As tendências próprias dos dois impulsos são contraditórias, mas, no entanto não se chocam, considerando-se o fato de que as contradições não se encontram no mesmo objeto. Cada uma possui um domínio próprio, ou seja, não se chocam porque as ações acontecem em planos diferenciados. Impulso sensível e impulso formal são antagônicos apenas quando um invade o campo de atuação do outro. O que vai assegurar e garantir o domínio do impulso sensível e do impulso formal é a cultura, e isso acontece pelo cultivo da faculdade sensível e da faculdade racional. Tanto o impulso sensível quanto o formal possuem limitações, para que um não penetre no domínio do outro.

Para Schiller há uma relação de reciprocidade, entre o impulso sensível e o formal, a qual é exercida pela razão humana, identificada pela idéia de sua humanidade. Humanidade, que dificilmente pode ser alcançada em sua totalidade, mas apenas por aproximações. Daí, a busca incessante do homem em alcançar este objetivo.

É dessa busca pela realização do

ideal do homem, da reciprocidade entre os dois impulsos e da superação do dualismo (sensível e inteligível) que surge um terceiro impulso que Schiller vai chamar de *impulso lúdico*. Este impulso tem como função básica, a reconciliação dos opostos estabelecidos nos dois impulsos anteriores, ou seja, a reconciliação do homem consigo mesmo. O impulso lúdico quer harmonizar a relação entre sensibilidade e razão, passividade e liberdade, a fim de criar um ser humano capaz de vivenciar sua sensibilidade, de forma livre e harmônica. O impulso lúdico ao ser despertado no homem faz com que, a sensibilidade deste entre em sintonia com sua razão, fazendo com que adote uma nova postura existencial.

Segundo este autor, o objeto primeiro do impulso lúdico é a forma viva, um conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, que nada mais é do que o sentido de beleza (p.81). O pensamento filosófico de Schiller conduz a um ideal de beleza que não foge do mundo material, já que visa a sua transformação em expressão de liberdade. A beleza encontra-se ligada ao sentimento e a sensibilidade do homem e são dois valores que não podem ser submetidos à lógica da racionalidade, porque se assim for, acabam sendo negados. Tanto a beleza, como o sentimento e a sensibilidade encontram, no comportamento lúdico o lugar ideal para se manifestar, principalmente no próprio acontecer do brincar da criança. Dessa forma, o jogo pode ser concebido como um prazer estético, uma forma de percepção da beleza. O belo é a fonte do impulso lúdico, que deve estar presente em todos os jogos do homem.

O homem se completa no jogo. É preciso que se reconheça a grandeza de uma civilização, que consegue ter um entendimento do belo, a ponto de seus jogos estarem assentados na beleza que eles possuem. E Schiller nos dá o exemplo ao se referir aos jogos praticados em Olímpia, na Grécia, onde prevalecia nas disputas o talento, elevando a beleza, o espírito e o ser humano. Ao contrário de Roma, que se deleitava com a violência

dos jogos entre os gladiadores, e o derramamento de sangue em suas arenas (p.84). A beleza presente na realidade equivale ao impulso lúdico, ao jogo. Paralelamente o ideal de beleza construído pela razão, impõe o ideal de um impulso lúdico, que deve estar presente na mente do homem em todos os seus jogos, pois o princípio do jogo para Schiller está no fato de que, *o homem deve somente jogar com a beleza, e somente com a beleza jogar (p.84)*. O jogo na visão de Schiller surge de uma situação relacionada à existência do homem, pelo prazer estético nele contido. É pela ludicidade que o homem deixa fluir sua sensibilidade. Através do lúdico o homem aperfeiçoa sua realidade, e sua capacidade contemplativa, principalmente no que diz respeito ao belo, experimentando sua liberdade no mundo sensível. Schiller afirma que *o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga (p.84)*, pois seria o jogo que tornaria o homem completo. Poderíamos também dizer isto de uma outra forma: o homem só se torna verdadeiramente humano quando brinca. Supõe-se que dessa forma, o homem libertaria sua sensibilidade e a cultivaria cada vez mais. O jogo seria a primeira manifestação da humanidade no homem, ao mesmo tempo em que é no jogo, que o homem é totalmente homem. Uma das finalidades primordiais do jogo é tornar os seres humanos mais felizes; paralelamente, a dimensão do brinquedo se localizaria nas origens do humano do homem. A essência do jogo estaria localizada, na sua relação com a arte.

O impulso lúdico apresenta uma relação direta com o brincar da criança, pois a criança quando brinca, não se sente coagida pela sensibilidade, nem pela razão. Basta observarmos o brincar da criança, para percebermos o quanto de arte se encontra neste ato, pois sua criatividade é liberada a partir do momento em que encontra um ambiente propício, para que possa dar asas a sua imaginação. A imaginação infantil não tem limites. Através dela, a criança viaja por um mundo de fantasias e de verda-

des, mesclando seu imaginário com a realidade. A ludicidade pode ser vivenciada como arte, e através dela a vida pode ser vivida também como arte. Pois o sonho e o devaneio conduzem, tanto a criança como o adulto ao encontro da arte, do belo, da beleza e da liberdade.

A arte se encontra latente em cada um de nós, basta deixarmos ela fluir, nos desprendermos um pouco da racionalidade que insiste em nos dominar, e deixar aflorar mais intensamente o *homo ludens* que reside em nós, abrindo as portas para a sensibilidade nos envolver. Da mesma forma que a arte, o lúdico encontra-se inserido no contexto histórico, enquanto produção do homem, desvelando, concretizando e transcendendo seu pensamento, sua imaginação e seu saber, dizendo coisas que não podem ser ditas por meio de palavras. Talvez o caminho para viver a vida como arte, seja o da ludicidade, da fruição, viver a vida como se fosse brincadeira de roda, e não apenas como “farei tudo que meu mestre mandar”, superando a realidade congelada e opressiva, que muitas vezes a vida nos impõe, e caminhar em busca de uma vida político-estética, na qual o ser humano seja visto como um ser simbólico dotado de capacidade de pensar, de sonhar, imaginar e brincar.

Nazaré Cristina Carvalho.

Doutora em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Recebido em 25/09/2006

Aceito em 30/12/2006

